

A CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ COMO ESPAÇO REGIONAL E FRONTEIRIÇO

Um espaço cultural definido e em constante mudança.

JOSEMAR VALDIR MODES¹

RESUMO: o estudo acerca da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã, e das igrejas que pertencem a ela, mostra a importância de se analisar as comunidades religiosas presentes no Brasil, que pelas suas características compõem espaços regionais, e manifestam um intenso trânsito cultural que é vivenciado e difundido pelas mesmas. As comunidades religiosas se tornam pequenas regiões culturais e de manutenção destas tradições que lhes é característica.

Palavras-chave: Região. Fronteira. Batistas Independentes. Convenção Batista Independente de Língua Alemã.

ZUSAMMENFASSUNG: das Studium über die Konvention von der deutscher Unabhängige Baptisten und seine konstituierenden Kirchen zeigt wie wichtig der Religionsgemeinschaften in Brasilien zu studieren ist, durch seine Besonderheiten die als eine Region charakterisieren, sowie alle kulturellen Austausch erfahren und verbreiteten. Religionsgemeinschaften werden kleine Kulturregionen die ihre Traditionen beizubehalten.

Schlüsselwörter: Region. Grenze. Unabhängige Baptisten. Deutscher Unabhängige Baptisten Convention.

INTRODUÇÃO

Todo estudo acerca de um grupo leva em consideração a questão do espaço, que pode não ser apenas físico. Conseguir delimitar com clareza de quem se fala, e porque se fala sobre, faz com que se entenda a matéria em questão com maior profundidade. Regionalizar diferentes grupos é uma alternativa necessária para estes estudos, e uma forma de se conhecer e reconhecer os diferentes entre os considerados iguais.

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem uma especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, um mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e um mestrado em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. É Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel, como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira e é membro da Comissão Consultiva da Revista Ensaios Teológicos da Faculdade. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

Com esta necessidade em mente, crescem em importância os estudos em torno do tema região, que têm sido constantes e têm se aprofundado ao longo dos anos. A ideia de região já não compreende mais apenas o aspecto político, mas compreende diferentes em termos culturais, geográficos, econômicos, sociais, etc...

Mesmo as mais claras percepções que levam o pesquisador a delimitar uma região, podem ser questionadas por outros estudos que levam diferentes pressupostos em consideração, o que aumenta do desafio implícito em considerar região, como também aponta para a multiplicidade de manifestações regionais que determinados contextos podem assumir.

Este estudo, além de buscar salientar a importância do estudo sobre região, fala de uma região cultural composta pela Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã que, ao mesmo tempo que é uma região definida, pode ser descrita também como espécie de fronteira ou faixa/zona de fronteira, diante das múltiplas trocas experimentadas pelo grupo em estudo.

Irá se ver no artigo um pouco da história da Convenção Batista Independente de Língua Alemã (CIBILA), sua manifestação cultural como traço distintivo de outras comunidades religiosas, como também as diferentes vertentes que fizeram o grupo ser o que é na atualidade. Primeiramente buscar-se-á definir região e fronteira, para então indicar a Convenção como sendo delimitadora regional e, finalizando, com as estratégias do grupo para a manutenção regional em meio aos movimentos homogeneizantes ao seu redor.

Espera-se através da pesquisa contribuir para a valorização das comunidades religiosas como propagadoras de culturas específicas, que precisam ser estudadas dentro das suas particularidades, destacando o múltiplo cenário religioso brasileiro que em muitos contextos é menosprezado e tratado de forma genérica. Cada comunidade tem seus aspectos constituintes que precisam ser considerados sempre.

1. REGIÃO CULTURAL

1.1 Conceito de região

Não é muito simples a tarefa de se definir o que é uma região, embora a ideia acerca da mesma seja bem antiga. Ao se olhar para a sua etimologia, pode-se destacar que a expressão região deriva da palavra *regio* que provém da palavra *rex* “a autoridade que, por decreto, podia circunscrever as fronteiras: *regere fines*.”²

² POZENATO, José Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. In.: POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educs, 2003, p. 1.

Nesta perspectiva etimológica, a região não aparece como fruto de uma realidade natural, mas evidencia-se através de uma ação de poder que a origina e a torna visível. Nem sempre quem delimita a região segue critérios claros, e diferentes contextos podem ser abarcados na sua constituição arbitrária. A divisão em Estados por poderes nacionais nem sempre leva em conta toda a perspectiva econômica e social que envolve as pessoas de determinada região, por exemplo.³

A geografia contribuiu para que o conceito região fosse expandido e a ideia de espaço natural foi incorporado ao seu escopo. A região passa então a ter conotações de relevo e natureza. Já as outras disciplinas, como a Antropologia, a História, a Economia e a Etnografia, deixaram o espaço físico em segundo plano, “para privilegiar variáveis e relações de tipo humano ou social [nas suas definições regionais], cada uma dentro da sua perspectiva de observação: o custo, para o economista, o dialeto ou os rituais, para o etnólogo, as classes, para o sociólogo, e assim por diante”.⁴

O interesse de diferentes disciplinas não é fruto do acaso também. Passou-se a perceber a importância da região como unidade política com a necessidade da administração pública, por exemplo, provocando os estudos de economistas; pode-se falar também da contraposição à ideia de nação, acentuando as diferenças, como fomentador dos estudos da sociologia.⁵ É nítido o crescimento em importância da região que gera para si também o envolvimento de diferentes áreas de estudo, que culminam em maior destaque da região novamente.

A importância de se definir a espacialidade da região pode ser percebida através da imagem do totem reproduzida por Durkheim e associada por alguns estudiosos ao contexto regional. Para Durkheim, o totem “é uma bandeira; é o signo através do qual cada clã se distingue dos outros, a marca visível de sua personalidade, marca conferida a tudo o que faz parte do clã: homens, animais ou coisas.”⁶ Nesta forma de pensar a região é parte constituinte do povo, é a marca significativa e significante, que o caracteriza de todos os demais.

Os aspectos culturais são parte deste processo de identificação cultural. O autor Edmundo A. Heredia faz considerações interessantes nesta direção. Para ele

La región, em cambio, es um espaço más bien impreciso, que se mueve en función de la vida espontánea de las comunidades y que, en lugar de marcar límites, establece conexiones y vinculaciones [...]. Las regiones pueden ser

³ POZENATO, 2003, p. 1.

⁴ POZENATO, 2003, p. 1.

⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989, p. 118.

⁶ DURKHEIM, Emile. **Las formas elementares de la vida religiosa**. Buenos Aires: Schapire, 1968, p. 218.

concebidas también como espacios culturales, y quizá sea ésta uma de las más profundas interpretaciones del espaço regional.⁷

Após estas considerações iniciais cabe apresentar a região como “uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios”⁸, ou seja, o objeto de estudo, a partir de determinadas características de análise, apresenta traços comuns que pode defini-lo como uma região.

Estes elementos internos que servem para o estudo em questão não são estáticos, e dependendo dos conceitos de análise em voga, as conclusões sobre o espaço regional podem ser diferentes.⁹ Como exemplo pode-se mencionar as igrejas da Convenção Batista Independente de Língua Alemã, que serão abordadas com mais profundidade no decorrer deste estudo. De forma preliminar, estas comunidades religiosas em termos geográficos estão localizadas em determinadas regiões mais amplas do que a sua prática religiosa propõe; já em termos culturais elas se tornam uma região mais restrita inserida no espaço maior do que aquela que as cerca.

Daí que a região também pode ter sua identidade delimitada e definida com base no fato de que nela poder ser percebido um certo padrão de interrelações entre elementos dentro dos seus limites. Vale dizer, a região também pode ser compreendida como um sistema de movimento interno. Por outro lado, além de ser uma porção do espaço organizada de acordo com um determinado sistema ou identificada através de um padrão, a região quase sempre se insere ou pode se ver inserida em um conjunto mais vasto.¹⁰

Esta visão acerca da região é ampla, pois verifica a partir de determinados critérios, lógicas internas ou padrões que diferenciam um local ou grupo de outros, inseridos num contexto maior, estabelecendo-os como um grupo específico. Pode-se levar em conta nesta linha de abordagem “critérios econômicos – relativos à produção, circulação ou consumo [...] critérios culturais – considerar uma região linguística, [...] certos modos de vida e padrões de comportamento nas pessoas que o habitam [...] ou critérios geológicos – [...] tipos de minerais e solos.”¹¹

⁷ HEREDIA, Edmundo. Cono Sur: el fin de las regiones de frontera. Cadernos do CHDD. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, ano 6, edição especial, 2007, p. 201.

⁸ BARROS, Jorge D’Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v.10, n.1, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005, p. 98.

⁹ BARROS, verão de 2005, p. 98.

¹⁰ BARROS, verão de 2005, p. 98.

¹¹ BARROS, verão de 2005, p. 99.

O historiador Ciro Flamarion Cardoso vai além nos seus estudos e mostra a realidade regional como uma espécie de superposições de diferentes regiões, a partir da perspectiva constituinte das mesmas. Nesta perspectiva a pessoa ou o ambiente podem pertencer à diferentes regiões ao mesmo tempo, dependendo dos pressupostos que se tem em mente ao constituir a mesma. Para ele é necessário reconhecer as “especialidades diferenciais, de dimensões e significados variados, cujos limites se recortam e se superpõem, de tal maneira que, estando num ponto qualquer, não estaremos dentro de um, e sim de diversos conjuntos espaciais definidos de diferentes maneiras”¹²

Trabalhar com estas “espacialidades superpostas” leva o pesquisador a considerar as diferenças presentes na sociedade em análise, avaliando a vida do ser humano como ela é na atualidade: uma teia de significados e significantes¹³, não recorrendo à redundâncias comuns nos meios habituais de análise que geralmente eram permeados por recortes administrativos e geográficos que habitualmente aparecem nos mapas.

Cabe destacar ainda que nenhuma fronteira que delimita a região existe a priori. Elas passam a existir a partir de uma seleção ou recorte restrito e, muitas vezes arbitrário - quando parte meramente do olhar de quem faz a seleção – como pode ser também fruto de um estudo com critérios claros, sendo com isso convencional, histórica e circunstancial.¹⁴

Tendo em mente os diversos critérios que podem ser usados para definir uma região, critérios estes que não apenas definem mas também mostram as diferentes camadas regionais que se apresentam em determinados contextos, dependendo do tipo de análise usada, precisa-se ainda conceituar e caracterizar a fronteira.

¹² CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, escravidão e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 47.

¹³ A partir do conceito de Max Weber, de que o homem é um animal que vive preso a uma teia de significados por ele mesmo criada, Clifford Geertz sugere que essa teia e sua análise seja o que chamamos de cultura. Caberia ao antropólogo compreender estes significados. Geertz destaca que a cultura não pode ser considerada como um objeto particular. Ela é sempre pública, ou seja, disposta a todos. Na visão da cultura como uma teia de significados, nem sempre é possível identificar a origem da mesma, pois ela pode ser múltipla, mas percebe-se o seu entrelaçamento com outras manifestações e, a partir deste contato, ocorrem as recriações culturais. “Os fatos inovadores nascem e evoluem numa reprodução espontânea e despercebida dos agentes culturais, e na maioria das vezes só percebidos na análise extrínseca de um agente alienígena. Como um sistema de signos passíveis de interpretação – ressalta Geertz – a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 1973, p. 15-25.

¹⁴ LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993, p. 143.

1.2 Conceito de fronteira ou faixa/zona de fronteira

Além do conceito região, é interessante para esta pesquisa abordar um conceito relacionado a fronteira ou faixa/zona de fronteira. Não há um consenso sobre a terminologia adequada para os lugares da região que estão em contato com outros.

Um destaque que se dá à esta parte da região que está em contato com outras, é de que ela funciona como um espaço de interação.¹⁵ É acentuada a manifestação cultural neste espaço de interações, ao passo de alguns pesquisadores preferirem identificá-la não apenas como uma fronteira, que dá a impressão de tratar de algo estático, mas de chamá-las de zonas de fronteira.¹⁶ É interessante se fazer a distinção entre o conceito limite e o conceito de fronteira: “a fronteira corresponde a forças centrífugas que indicam uma direção para fora, enquanto os limites estão orientados para dentro, forças centrípetas [...]. Enquanto a fronteira pode ser um fator de integração, [...], o limite é um fator de separação”.¹⁷

As palavras inglesas utilizadas para descrever a fronteira ajudam a entender a sua dimensão política e social: *border* aponta para a fronteira definida, um espaço com demarcações claras e estabelecidas, como uma divisão política e administrativa; já *frontier* aponta para um espaço em formação e, principalmente, em expansão e movimento constante.¹⁸

A origem histórica da palavra [fronteira] mostra que seu uso não estava associado a nenhum conceito legal e que não era um conceito essencialmente político ou intelectual. Nasceu como um fenômeno da vida social espontânea, indicando a margem do mundo habitado. Na medida em que os padrões de civilização foram se desenvolvendo acima do nível de subsistência, as fronteiras entre ecúmenos tornaram-se lugares de comunicação e, por conseguinte, adquiriram um caráter político.¹⁹

O que deve ser destacado ao se olhar a fronteira, é que ela está carregada de elementos simbólicos num espaço completamente dinâmico onde as trocas sociais, culturais e econômicas

¹⁵ AYMARD, Maurice. De la Méditerranée à l'Asie: une comparaison nécessaire (commentaire). **Annales HSS**, Paris, n.1, 2001, p. 47.

¹⁶ HEREDIA, Edmundo. Cono Sur: el fin de las regiones de frontera. **Cadernos do CHDD**. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, ano 6, edição especial, 2007, p. 201-204.

¹⁷ MACHADO, Lia Osório. **Estado, territorialidade, redes: cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana**. In: SILVEIRA, M. L. (Org.). **Continente em chamas: globalização e territórios na América Latina**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2005, p. 249.

¹⁸ FAULHABER, Priscila. **A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema**. **BIB**, n.51, 1º semestre de 2001, São Paulo, p. 105-125.

¹⁹ MACHADO, Lia Osório. **Limites, Fronteiras, Redes**. In: STROHAECKER, Tânia Marques. et al. (Org.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB-Seção Porto Alegre, 1998, p. 41.

são essenciais para a sua manutenção como espaço fronteiro. “A fronteira é geralmente percebida como lugar de passagem, porosa e espaço de contatos culturais e trocas simbólicas”.²⁰

Esta fronteira tem como característica uma menor ingerência do poder estatal e tem certa autonomia nas suas relações, ao ponto de a cultura nestes lugares ser diferente daquela tida como oficial.²¹ Pode-se citar como exemplo os grupos de imigrantes alemães, grupos estes que evidenciaram e evidenciam maior dificuldade de assimilação pelas culturas oficiais e estatais. Em certo grau estes grupos assimilaram alguns aspectos da cultura brasileira, mas continuaram manifestando seus sistemas simbólicos, o que destoava do modelo de nacionalização idealizado, ao ponto de, na campanha de nacionalização, estes estrangeiros serem chamados de alienígenas, em oposição aos brasileiros. No contexto da nacionalização forçada, o exército realizou “campanha” para coibir as práticas culturais de grupos étnicos no Sul, de predominância alemã, mas apesar disso, estes grupos continuaram mantendo vivas as suas tradições e costumes, como espécie de espaço fronteiro, apesar de muitas vezes estarem alojados no interior dos Estados nacionais.²²

A Convenção Batista Independente de Língua Alemã está diretamente ligada a estes imigrantes e carrega traços característicos que a designa como região; mas ela é composta por muitos elementos que provém de outros grupos, através de trocas culturais e sociais, originando uma espécie de cultura híbrida, o que a coloca no nível de fronteira ou faixa/zona de fronteira, o que se estudará na sequência.

2. A CONVENÇÃO BATISTA INDEPENDENTE DE LÍNGUA ALEMÃ COMO REGIÃO E ZONA DE FRONTEIRA

Ao se analisar a história da Convenção Batista Independente de Língua Alemã (CIBILA), pode-se notar nela, desde o seu surgimento, e nas comunidades que a constituem, características fundantes que a designariam como uma região e, ao mesmo tempo, como zona de fronteira. Lévi-Strauss defende que a tradição, que engloba o aspecto da religião, é um recorte da realidade que serve para classificar pessoas e espaços e, por conseguinte, é uma forma de demarcar fronteiras e estabelecer limites. A religião funciona como um ponto de referência que aglutina pessoas ao seu redor, sendo indispensável na constituição da região.²³

²⁰ SCHAFFER, N. O. **Globalização e fronteira**. In: SCHAFFER, N. O. **Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 79-91.

²¹ HEREDIA, 2007, p. 201-204.

²² SEYFERTH, 2000, p. 101-102.

²³ LÉVI-STRAUSS, Claude (org.). **L'Identité**. Paris: Grasset, 1977, p. 332.

A Convenção tem início com o surgimento de uma comunidade na região noroeste do Rio Grande do Sul. Ela decorre do aumento de convertidos ao cristianismo entre os imigrantes vindos da Europa e da Rússia que se estabeleceram na região da Linha Doutor Pederneiras, pertencente ao município de Guarani na época. Há relatos de que no ano de 1911 eles formavam um grupo considerável e que se reunia com regularidade.

Os responsáveis pelo anúncio da religião cristã aos colonos recém-chegados foram os imigrantes Heinrich Koch²⁴ e Willi Leimann²⁵. Os convertidos se filiaram inicialmente à Igreja Batista Pioneira da Linha República, uma igreja pertencente à Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, e de linhagem tradicional, porém muitos destes passaram a receber a visita regular do missionário sueco Erich Jansson, que era de outra Convenção Batista, de linhagem pentecostal. Erik Jansson encontrou este grupo pela primeira vez em 1913, na chamada colônia Linha Republica.²⁶

Aqui já se tem dados importantes na formação desta região definida pelo viés cultural, como também do seu aspecto de zona de fronteira: são alemães vindos em sua maioria da Rússia, de prática religiosa tradicional, mas que entram em contato com suecos e sua religião pentecostal. Há a constituição de um grupo específico com trocas culturais de ambos os lados.

Nessa época (1915) houve uma conferência das igrejas batistas alemãs que reuniu um pequeno grupo de crentes batistas. Uma das questões discutidas na conferência foi a questão da

²⁴ HEINRICH KOCH, foi um dos pastores da Igreja. Ele nasceu em 28 de julho de 1888 e veio ao Brasil aos 10 anos de idade com os seus pais. Inicialmente trabalhou numa plantação de café em São Paulo, para depois se instalar no interior do Rio Grande do Sul, na localidade conhecida por Linha República. Na sua juventude trabalhou por um tempo como ferreiro na cidade de Santo Ângelo. Casou-se com Margarida Dermer em 1889 e tiveram uma filha de nome Elisabeth. Após o casamento ele e sua esposa se converteram ao cristianismo e se batizaram na igreja da Linha República. Logo após a sua conversão envolveu-se no trabalho missionário batista. Conhecedor da língua portuguesa, ajudou os missionários Alfredo Winderlich e Gunnar Sjöberg nas suas viagens missionárias. Em 1933 foi ordenado pastor na Igreja Batista Independente Betel. Foi o que na atualidade se designa como pastor bivocacionado, pois junto ao trabalho pastoral continuava com seu trabalho de agricultor para a manutenção de sua família. Também trabalhou na Igreja Batista Independente de Linha Timbaúva e na Igreja Batista Independente Zoar de Novo Machado. Ele faleceu em 18 de agosto de 1965 na Linha Doutor Pederneiras. In.: WUTZKE, Vilson. Pr HEINRICH KOCH TREU IM WERK DES HERRN. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.15, ano 8, julho a dezembro de 1996, p. 5-6.

²⁵ WILLI LEIMANN nasceu no dia 3 de abril de 1888 na Letônia e faleceu no dia 9 de novembro de 1962. Em 1894, seus pais emigraram para o Brasil. Durante a sua juventude converteu-se à religião cristã. Depois de um breve curso teológico, dedicou-se ao trabalho missionário. De 1908 até 1921 foi pastor da Igreja Batista Letta da Linha 11, em Ijuí. De lá ele fez muitas visitas a outros grupos de batistas alemães em Ijuí e em todo o Estado. Gostava de ajudar em todos os lugares, onde pediam a sua cooperação. Teve parte ativa na organização da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, e foi seu primeiro secretário de 1910 a 1916. Cedo surgiram algumas complicações corporais, a tal ponto dele ficar cada vez mais quieto. Segundo alguns relatos, imaginava-se que sofria de depressão. Mesmo assim, acompanhou com muito interesse o desenvolvimento da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil e fundador de duas igrejas que mais tarde originariam a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã, dentre elas a igreja fundadora da Linha Doutor Pederneiras. Nos relatos afirma-se que ele tinha uma natureza tranquila. Tinha muita sensibilidade quanto ao que era justo ou injusto, não só em relação aos outros, mas também consigo mesmo. In.: **Jornal Missionsbote – nº 1 – Janeiro de 1963 – Ano 37**.

²⁶ JANSSON, Erik. **Under Söderns Kors I**. Örebro. Örebro Missionsförenings Förlag. 1941, p. 123.

plantação do tabaco. Um comitê foi formado para discutir a questão e como Jansson estava hospedado na casa onde ocorreram as discussões, foi convidado a participar. O comitê estabeleceu que os colonos poderiam plantar tabaco, o que não satisfiz a todos. Jansson afirma em seus escritos que evitou visitar os batistas alemães, mas após vários convites ele se propôs a ajudá-los a se organizarem como igreja independente do grupo ao qual pertenciam.²⁷ Precisa-se destacar que o missionário, por ser de linhagem pentecostal sueca, era completamente contra os vícios, e por isso tornou-se referência para o grupo em questão.²⁸

Em 1917, os membros da Igreja Batista Alemã que não concordaram com a plantação de tabaco, queriam juntar-se a igreja Bethel, de origem sueca, e ficar sob a dire o do missionário Jansson. Mas a inser o deste grupo de alemães não foi bem assimilada pelos suecos e, em 1918, os membros fundadores da Igreja Bethel, de origem sueca, deixaram a igreja porque não concordavam com as constantes desigualdades entre alemães e suecos.²⁹

A  em 14 de dezembro de 1918, Erik Jansson e Carl Welander estavam juntos para reorganizar a Igreja Independente Bethel, constituída de 163 membros, em sua maioria alemães.³⁰ Passaram a se reunir embaixo de árvores, isso quando não chovia,³¹ ou então nas casas, por não terem templo próprio no período. Em 4 de outubro de 1919 a Igreja Batista Independente Bethel inaugurou a sua nova capela em Linha Pederneiras, município de Guarani.³² Em 1926 o casal de missionários Alfred e Ema Winderlich³³, da Suécia, vieram para

²⁷ JANSSON, 1941, p. 123-124.

²⁸ Havia três grandes movimentos na Suécia, no final do século XIX. Primeiramente, a luta contra o alcoolismo, um problema social que dificultava o progresso e que precisava ser combatido; segundo, o movimento trabalhista, que lutava por melhores condi es de trabalho e salários mais dignos; e o terceiro movimento foi o surgimento das igrejas evangélicas livres, entre elas as igrejas batistas. A Suécia era luterana, oficialmente, desde os tempos do rei Gustavo Vasa, ou Gustavo I (1496-1560). Todos os outros movimentos religiosos eram vistos com desconfiança e muitos eram severamente perseguidos. Com muita frequência estes três movimentos – o trabalhista, a luta contra o álcool e as igrejas livres – tinham os mesmos interesses e os mesmos integrantes. A igreja protestante assumiu, portanto, como sua luta, os direitos do trabalhador e o combate ao alcoolismo. In.: Ekst m, Leif. **Estudo sobre a História dos Batistas Independentes**. Ed. Batista Independente. Campinas, 2008. p. 18.

²⁹ Jansson, 1941. p. 128.

³⁰ Jansson, 1941. p. 129.

³¹ Jansson, 1941. p. 129.

³² Jansson, 1941. p. 132.

³³ ALFREDO WINDERLICH, nascido na Alemanha, formado como farmacêutico, trabalhou na Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial. Após a Guerra, sentiu-se vocacionado para o trabalho missionário e foi estudar no seminário de  rebro. Casou-se com Emma e foi ordenado pastor após se formar no seminário, para então ser enviado ao seu primeiro campo de trabalho: o Brasil. Trabalhou entre com os imigrantes membros da Igreja Batista Independente Betel e os de Linha Timbaúva. Com sua ajuda foi fundada a Igreja Batista Independente Zoar de Novo Machado. Ajudou no surgimento da Primeira Igreja Batista Independente de Tupinambá – PR, na Igreja Batista Independente em Novo Sarand  – PR, e na Igreja Batista Independente em Nova Santa Rosa – PR. Faleceu em 1964 na Suécia. In.: WUTZKE, Vilson. Pr HEINRICH KOCH TREU IM WERK DES HERRN. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.16, ano 9, janeiro a julho de 1997, p. 4.

auxiliar neste trabalho que cresceu rapidamente. Também recebiam constantemente ajuda dos missionários Gunnar e John Sjöberg³⁴, da igreja de Ijuí.

Interessante fazer um apanhado cultural deste grupo. Ele pode ser enquadrado nas conclusões de Hall, quando ele fala sobre o surgimento das identidades híbridas como substitutas das identidades nacionais. A identidade híbrida é característica das pessoas que tiveram que se deslocar, mas não perderam suas tradições e seus vínculos; ao mesmo tempo tiveram que se adaptar a um contexto diferente, traduzindo tudo o que está à sua volta para a sua cultura, negociando “com as novas culturas em que vivem”, sem nunca serem plenamente incorporados à ela.³⁵ Dentro desta perspectiva duas, ou mais identidades são agrupadas num mesmo indivíduo ou grupo. Estes que constituem a Igreja Batista Independente Betel e fundam a CIBILA, são alemães vindos da Rússia, carregando consigo uma religião tradicional, religião esta que é moldada por outra de origem pentecostal em decorrência do contato com um missionário oriundo deste meio, com um misto de costumes adquirido de outros grupos de imigrantes, pois eles se juntam aos imigrantes suecos, como também do próprio contexto no qual se inserem: o Brasil. Ao mesmo tempo, quando estes saem de seu lugar de origem e fundam novas comunidades, como aconteceu nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso, levam seus traços característicos e os adaptam à nova realidade, sem deixarem de ser o que eram. O processo migratório tem espalhado o grupo pelo País, sem que perdesse a sua essência, originando diversas regiões culturais dentro de outras regiões já estabelecidas.

Numa perspectiva cultural ainda, pode-se usar para este grupo de imigrantes um conceito usado pelo pesquisador Néstor Garcia Canclini, quando ele fala de *desterritorialização* e *reterritorialização*, concebendo que a visão que se deve ter destas culturas é que as mesmas não se enquadram mais na visão tradicional, onde definir cultura era o exercício de afirmar seus limites e o que caberia ou não nela. Diante das mudanças e viagens da população mundial, as pessoas entram em contato umas com as outras e acabam aprendendo e apreendendo dos outros, influenciando-se mutuamente. Desta forma a cultura vai de um lugar a outro, como também entra em lugares onde é absorvida.³⁶ É o que também é chamado de hibridismo cultural.³⁷

³⁴ GUNNAR SJÖBERG veio da Suécia para o Brasil em 1930. Trabalhou inicialmente na cidade de Rio Grande. Mais tarde se mudou para Ijuí, de onde ajudou a atender a Igreja de Pederneiras e da Linha Oito de Agosto. Por motivo de doença da filha, a família retornou para a Suécia. Em 1956 ele voltou sozinho para o Brasil, afim de novamente atender a igreja de Pederneiras até o ano de 1959. In.: PRIMÓDIOS: Suécia e Brasil. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.56, ano 22, outubro a dezembro de 2011, p. 15.

³⁵ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 47.

³⁶ OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil** nação. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 201-202.

³⁷ BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2004, p. 34-50.

3. ESTRATÉGIAS PARA A MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL E PROPAGAÇÃO REGIONAL

Chama a atenção como este grupo minoritário não apenas se manteve uma dimensão de espaço regional, mas se expandiu pelo Brasil. Dentre as estratégias usadas, sejam elas propositais ou não, destaca-se que mesmo antes da organização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã, que compreende diversas igrejas, dentre elas a originadora da Convenção, a Igreja Batista Independente Betel, já eram múltiplas as iniciativas de aproximação dos membros das diferentes igrejas de imigrantes com o propósito de gerar conhecimento, troca de experiências, bem como para manutenção da identidade cultural do grupo.³⁸

Esta aproximação foi necessária devido ao grande fluxo migratório no País, que espalhou os iguais e poderia torna-los insignificantes em termos de expressão cultural. Em geral, os habitantes do Rio Grande do Sul migraram e ainda migram para outros Estados buscando novas fronteiras agrícolas. A pequena propriedade rural, idealizada pelo governo no processo de assentamento dos imigrantes no Estado, não conseguiu reter os filhos destes pequenos agricultores. O ideal por trás da imigração estava centrado na colonização das terras do governo, por famílias brancas, que reproduzissem pequenas propriedades agrícolas, aos moldes dos pequenos produtores capitalistas norte-americanos (farmer).³⁹

Para que se tenha noção deste processo migratório, pode-se mencionar os dados do censo de 2004, que indica que no ano 2000 cerca de 1.012.590 gaúchos estavam vivendo em outros estados, com destaque à Santa Catarina e Paraná. Este número equivale a quase 10% da população gaúcha do período, residente no Estado.⁴⁰

As primeiras igrejas da Convenção, a Igreja Batista de Linha Timbaúva, a Igreja Batista Independente Betel e a Igreja Batista de Novo Machado, se filiaram inicialmente à Convenção Evangélica Batista Sul Riograndense. Esta Convenção foi fundada logo no início do trabalho Batista Independente no País, mais especificamente em 1919, com o objetivo de organizar as igrejas fundadas. Era uma iniciativa de manter vínculos com igrejas semelhantes. Mas, por causa da língua, que era predominantemente alemã, estas três igrejas se reuniram em

³⁸ 50 JÄHRIGES JUBILÄUM DER KONFERENZ DER UNABHÄNGIGEN BAPTISTEN DEUTSCHER SPRACHE UND 70 JÄHRIGES JUBILÄUM DER BAPTISTENGEMEINDE BETHEL IN La. DR. PEDERNEIRAS. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.1, ano 1, janeiro a dezembro de 1989. Reportagem da capa do jornal.

³⁹ SEYFERTH, Giralda. **Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil**. In.: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 81-109.

⁴⁰ OLIVEN, 2006, p. 136.

29 de janeiro de 1939 para a realização da primeira Conferência de Fé (Glaubenskonferenz), um protótipo das Conferências atuais. A primeira Conferência ocorreu na Igreja Batista Independente Betel. Mais tarde as igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã do Paraná e do Paraguai passaram a participar destas Conferências também.⁴¹

As Conferências Anuais (*Konferenzen*), iniciadas em 1939 e repetidas anualmente, geralmente no início de cada ano, eram sediadas pelas próprias igrejas num sistema de rodízio. Nelas eram realizados estudos bíblicos, eram apresentados relatórios das igrejas e à noite se realizava cultos.⁴² A participação nestas Conferências não foi motivo de reclusão ou de não participação na Convenção Evangélica Batista do Rio Grande do Sul. As igrejas continuavam a participar ativamente nos dois grupos, a saber, nas Conferências Anuais, compostas por imigrantes alemães apenas, e nas Assembleias da Convenção com expressão Estadual. Mais tarde, em 1952, quando foi organizada a Convenção das Igrejas Batistas Independentes, com uma abrangência nacional, estes que participavam da Convenção Evangélica migraram para participarem desta organização que estava acima da anterior.

No ano de 1970 foi organizado o Departamento das Igrejas Batistas de Língua Alemã, uma seção da Convenção das Igrejas Batistas Independentes, oferecendo espaço de organização e ação destas igrejas de cultura alemã, que já se reuniam nas Conferências Anuais. A criação deste departamento reconhece a questão particular deste grupo, que embora faça parte do trabalho nacional, tem características próprias. Esta iniciativa contribuiu muito para a posterior organização em Convenção das Igrejas Batistas de Língua Alemã.⁴³

A quinquagésima Assembleia dos Batistas Independentes de Língua Alemã se deu na Igreja Batista Independente Betel, entre os dias 10 a 15 de janeiro de 1989, quando se comemorou o aniversário de 70 anos desta igreja. O tema desta convenção era: “*FRUCHT BRINGEN – DAZU SIND WIR BERUFEN*” (Produzir Frutos – para isso fomos chamados). Esta Assembleia é de grande importância, pois nela é organizada a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã⁴⁴ – CIBILA.⁴⁵

⁴¹ DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. *ZUR GESCHICHTE UNSERER DEUTCHEN KONFERENZ*. Porto Alegre: Esperança, 1989, p. 1.

⁴² WUTZKE, Vilson. *As igrejas de língua alemã*. In.: SCHULZ, Almiro [et. al.]. *Da Suécia ao Brasil: uma história missionária*. Campinas: Editora Batista Independente, 2012, p. 85.

⁴³ WUTZKE, Vilson. *As igrejas de língua alemã*. In.: SCHULZ, 2012, p. 85., p. 85.

⁴⁴ CIBILA é a Convenção organizada com 11 igreja filiadas.

⁴⁵ *50 JÄHRIGES JUBILÄUM DER KONFERENZ DER UNABHÄNGIGEN BAPTISTEN DEUTSCHER SPRACHE UND 70 JÄHRIGES JUBILÄUM DER BAPTISTENGEMEINDE BETHEL IN La. DR. PEDERNEIRAS. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, n.1, ano 1, janeiro a dezembro de 1989. Reportagem da capa do jornal.

Por mais que pareça normal esta organização e agrupamento em Convenção, ele tem um efeito gigante no sentido de manutenção cultural. A pesquisadora Ellen F. Woortmann, ao falar sobre a colonização alemã e a sua manutenção cultural, mostra a importância da comunidade religiosa para que os iguais se encontrem e permaneçam juntos. Como estes imigrantes se espalharam pelo Brasil, auxiliar no encontro destes que estavam isolados faria com que novas comunidade fossem estabelecidas.

A autora mostra que na tradição alemã um dos filhos geralmente era escolhido para ser o principal herdeiro (nem sempre era o primogênito, recebendo muitas vezes destaque o último filho gerado) que cuidaria dos pais na sua velhice. Os demais se dedicavam aos estudos, ou ao sacerdócio, ou ainda eram “empurrados” para as novas colônias com o propósito de não diminuir a herança que o filho escolhido receberá no futuro, diminuindo o nome e prestígio da família. De início havia um grande contato entre a colônia nova, para a qual estes filhos migravam, e a velha, na qual os pais moravam. Este contato se dava principalmente através das festividades nas comunidades religiosas. Quando os mais velhos morriam, as novas colônias passavam a adquirir identidade própria e não eram mais tão dependentes destes laços. Embora adquirissem esta autonomia, estas colônias novas reproduziam uma prática cultural muito semelhante, quando não igual, à das colônias velhas. As Conferências da CIBILA ilustram muito bem esta aproximação das diferentes colônias.

Os eventos na comunidade e a vida religiosa proporcionavam o contato destes jovens das diferentes colônias, que por meio dos casamenteiros, eram aproximados para o matrimônio. A essência para um bom casamento residia em quem a pessoa era, e não no sentimento. O casamento se constitui como uma espécie de negócio, onde se leva em conta os bens que cada parte possui e a descendência do candidato. As qualificações do(a) candidato(a) residiam em seu *Kheim*, que pode ser traduzido como princípio germinativo, e aponta para aquilo que a pessoa será, uma vez que o *Kheim* reporta-se principalmente às características morais e sociais do indivíduo, relegando a segundo plano o aspecto físico. A ênfase no *Kheim* é gigante no que se refere ao casamento e à escolha da pessoa com a qual se irá casar. Se ela ou ele tem um *Kheim* ruim, irá se constituir uma família com estas características. Por isso esta necessidade de conhecer quem é a família e o passado do indivíduo com o qual se irá constituir matrimônio. O afastar-se da família é tido como algo negativo para o *Kheim* da pessoa.⁴⁶

Toda esta herança cultural enfatizada pela religião fazia com que os casamentos ocorressem dentro das próprias comunidades e originando outras de costumes e manifestações

⁴⁶ WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo; Brasília: HUNITEC; Edund, 1995, p. 129-214.

parecidas em outros lugares. Estas Convenções e os casamentos fizeram com que a CIBILA representasse na atualidade um grupo de 20 (vinte) regiões espalhadas em 4 (quatro) estados diferentes: Rio Grande do Sul - Igreja Batista Independente Betel; Igreja Batista Independente da Linha Oito de Agosto; Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva; Igreja Batista Zoar de Novo Machado; Igreja Batista Independente Zoar de Tuparendi; Igreja Batista Independente de Vila Pratos - Santa Catarina - Igreja Batista Independente Maranatha; Igreja Batista da Barra – Paraná - Igreja Batista Independente de Ipiranga; Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon; Igreja Batista Independente de Imbituva; Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa; Igreja Batista Independente Salém; Igreja Batista Independente de Santa Rita do Oeste; Igreja Batista Independente de Tupãssi; Igreja Batista Independente de Vila Brasiliana; Igreja Batista Independente de Vila Cristal; e Igreja Batista Independente Betel de Itaipulândia - Mato Grosso - Igreja Batista Independente de Alta Floresta; Igreja Batista Independente de Sinop.⁴⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As regiões delimitadas pelas igrejas que compõe a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã são perceptíveis em todos os lugares onde elas estão instaladas. Na constituição das mesmas o aspecto cultural é essencial para a sua formação e caracterização. Internamente elas têm lógicas próprias de funcionamento e expressão que permitem esta caracterização e as contrastam com os diferentes à sua volta.

Estas igrejas são fruto de um hibridismo cultural desde o seu início e vivenciaram constantes trocas com os grupos à sua volta. Na sua origem, provém de diferentes vertentes religiosas como também nacionais; na sua continuidade, foram forçadas a se adaptarem e a conviverem com outros, estando em constante contato com pessoas que convivem com eles, mas pertencem à outras regiões. Nesta forma de pensar estas igrejas, enquanto região, constituem uma fronteira ou faixa/zona de fronteira.

Mesmo em meio aos constantes movimentos de nacionalização e diante dos efeitos da globalização, intensificados com os movimentos de migração pelo País, estas comunidades souberam manter seus traços característicos através da aproximação dos novos com os mais velhos e da constante valorização de seus aspectos constituintes.

Fica evidente a importância de um estudo minucioso de cada comunidade religiosa em particular, pensando na contribuição destas para a formação cultural do Brasil, como também

⁴⁷ IGREJAS. Disponível em: <<http://cibila.org/a-cibila/igrejas/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

para o reconhecimento das próprias comunidades que nem sempre percebem com clareza seus traços constituintes e a riqueza da sua história.

REFERÊNCIAS

50 JAHRIGES JUBILÄUM DER KONFERENZ DER UNABHÄNGIGEN BAPTISTEN DEUTSCHER SPRACHE UND 70 JÄHRIGES JUBILÄUM DER BAPTISTENGEMEINDE BETHEL IN La. DR. PEDERNEIRAS. **User Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.1, ano 1, janeiro a dezembro de 1989. Reportagem da capa do jornal.

AYMARD, Maurice. **De la Méditerranée à l'Asie: une comparaison nécessaire** (commentaire). Annales HSS, Paris, n.1, 2001.

BARROS, Jorge D'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v.10, n.1, Universidade Estadual de Ponta Grossa, verão de 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, escravidão e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1979.

DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **ZUR GESCHICHTE UNSERER DEUTCHEN KONFERENZ**. Porto Alegre: Esperança, 1989.

DURKHEIM, Emile. **Las formas elementares de la vida religiosa**. Buenos Aires: Schapire, 1968.

Ekstöm, Leif. **Estudo sobre a História dos Batistas Independentes**. Ed. Batista Independente. Campinas, 2008.

FAULHABER, Priscila. **A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema**. BIB, n.51, 1º semestre de 2001, São Paulo.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HEREDIA, Edmundo. Cono Sur: el fin de las regiones de frontera. **Cadernos do CHDD**. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, ano 6, edição especial, 2007.

IGREJAS. Disponível em: < <http://cibila.org/a-cibila/igrejas/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

JANSSON, Erik. **Under Söderns Kors I**. Örebro. Örebro Missionsförenings Förlag, 1941.

Jornal Missionsbote – nº 1 – Janeiro de 1963 – Ano 37.

LEVY-STRAUSS, Claude (org.). **L'Identité**. Paris: Grasset, 1977.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

MACHADO, Lia Osório. **Estado, territorialidade, redes: cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana**. In: SILVEIRA, M. L. (Org.). **Continente em chamas: globalização e territórios na América Latina**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2005.

MACHADO, Lia Osório. **Limites, Fronteiras, Redes**. In: STROHAECKER, Tânia Marques. et al. (Org.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB-Seção Porto Alegre, 1998.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil nação**. Petrópolis: Vozes, 2006.

POZENATO, José Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. In.: POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **User Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.56, ano 22, outubro a dezembro de 2011.

SCHAFFER, N. O. **Globalização e fronteira**. In: SCHAFFER, N. O. **Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil**. In.: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste**. São Paulo; Brasília: HUNITEC; Edund, 1995.

WUTZKE, Vilson. **As igrejas de língua alemã**. In.: SCHULZ, Almiro [et. al.]. **Da Suécia ao Brasil: uma história missionária**. Campinas: Editora Batista Independente, 2012, p. 85.

WUTZKE, Vilson. **Pr HEINRICH KOCH TREU IM WERK DES HERRN**. **User Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.15, ano 8, julho a dezembro de 1996.

WUTZKE, Vilson. **Pr HEINRICH KOCH TREU IM WERK DES HERRN**. **User Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.16, ano 9, janeiro a julho de 1997.